

DOMINGO DE PENTECOSTES

CIC 696, 726, 731-732, 737-741, 830, 1076, 1287, 2623: Pentecostes

696 *O fogo.* Enquanto a água significava o nascimento e a fecundidade da vida dada no Espírito Santo, o fogo simboliza a energia transformadora dos actos do Espírito Santo. O profeta Elias, que «apareceu como um fogo e cuja palavra queimava como um facho ardente» (*Sir* 48, 1), pela sua oração faz descer o fogo do céu sobre o sacrifício do monte Carmelo¹, figura do fogo do Espírito Santo, que transforma aquilo em que toca. João Baptista, que «irá à frente do Senhor com o espírito e a força de Elias» (*Lc* 1, 17), anuncia Cristo como Aquele que «há-de baptizar no Espírito Santo e no fogo» (*Lc* 3, 16), aquele Espírito do qual Jesus dirá: «Eu vim lançar fogo sobre a terra e só quero que ele se tenha ateado!» (*Lc* 12, 49). É sob a forma de línguas, «uma espécie de línguas de fogo», que o Espírito Santo repousa sobre os discípulos na manhã de Pentecostes e os enche de Si². A tradição espiritual reterá este simbolismo do fogo como um dos mais expressivos da acção do Espírito Santo³. «Não apagueis o Espírito!» (*1 Ts* 5, 19).

726 No termo desta missão do Espírito, Maria torna-se a «Mulher», a nova Eva «mãe dos vivos», Mãe do «Cristo total»⁴. É como tal que Ela está presente com os Doze, «num só coração, assíduos na oração» (*Act* 1, 14), no alvorecer dos «últimos tempos», que o Espírito vai inaugurar na manhã do Pentecostes, com a manifestação da Igreja.

731 No dia de Pentecostes (no termo das sete semanas pascais), a Páscoa de Cristo completou-se com a efusão do Espírito Santo que Se manifestou, Se deu e Se comunicou como Pessoa divina: da sua plenitude, Cristo Senhor derrama em profusão o Espírito⁵.

732 Neste dia, revelou-Se plenamente a Santíssima Trindade. A partir deste dia, o Reino anunciado por Cristo abre-se aos que n'Ele crêem. Na humildade da carne e na fé, eles participam já na comunhão da Santíssima Trindade. Pela sua vinda, que não cessará jamais, o Espírito Santo faz entrar o mundo nos «últimos tempos», no tempo da Igreja, no Reino já herdado mas ainda não consumado:

«Nós vimos a verdadeira Luz, recebemos o Espírito celeste, encontrámos a verdadeira fé: adoramos a Trindade indivisível, porque foi Ela que nos salvou»⁶.

¹ Cf. *1 Rs* 18, 38-39.

² Cf. *Act* 2, 3-4.

³ Cf. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Llama de amor viva: Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 13 (Burgos 1931) p. 1-102; 103-213 [Cf. *Id.*, *Chama viva de amor: Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1986) p. 829-957].

⁴ Cf. *Jo* 19, 25-27.

⁵ Cf. *Act* 2, 33-36.

⁶ Liturgia bizantina, *Ofício das Horas, Vésperas de Pentecostes, Sticherum 4: Pentekostárion* (Romae 1884) p. 390.

- 737** A missão de Cristo e do Espírito Santo completa-se na Igreja, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo. Esta missão conjunta associa, doravante, os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo: o Espírito *prepara* os homens e adianta-se-lhes com a sua graça para os atrair a Cristo. *Manifesta-lhes* o Senhor ressuscitado, lembra-lhes a sua Palavra e abre-lhes o espírito à inteligência da sua morte e da sua ressurreição. *Torna-lhes presente* o mistério de Cristo, principalmente na Eucaristia, com o fim de os reconciliar, de os *pôr em comunhão* com Deus, para os fazer dar «muito fruto»⁷.
- 738** Assim, a missão da Igreja não se acrescenta à de Cristo e do Espírito Santo, mas é o sacramento dela: por todo o seu ser e em todos os seus membros, é enviada para anunciar e testemunhar, actualizar e derramar o mistério da comunhão da Santíssima Trindade (será este o objecto do próximo artigo):
- «Nós todos, que recebemos o único e mesmo Espírito, quer dizer, o Espírito Santo, fundimo-nos entre nós e com Deus. Porque, embora sejamos numerosos separadamente, e Cristo faça com que o Espírito do Pai e seu habite em cada um de nós, este Espírito único e indivisível reconduz pessoalmente à unidade os que são distintos entre si [...] e faz com que todos apareçam n’Ele como sendo um só. E assim como o poder da santa humanidade de Cristo faz com que todos aqueles em quem ela se encontra formem um só corpo, penso que, do mesmo modo, o Espírito de Deus, que habita em todos, único e indivisível, os leva todos à unidade espiritual»⁸.
- 739** Uma vez que o Espírito Santo é a unção de Cristo, é Cristo, a Cabeça do corpo, quem O derrama nos seus membros para os alimentar, os curar, os organizar nas suas mútuas funções, os vivificar, os enviar a dar testemunho, os associar à sua oferta ao Pai e à sua intercessão pelo mundo inteiro. É pelos sacramentos da Igreja que Cristo comunica aos membros do seu corpo o seu Espírito Santo e santificador (será este o objecto da segunda parte do Catecismo).
- 740** Estas «maravilhas de Deus», oferecidas aos crentes nos sacramentos da Igreja, dão os seus frutos na vida nova em Cristo, segundo o Espírito (será este o objecto da terceira parte do Catecismo).
- 741** «Também o Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza, porque não sabemos o que pedir nas nossas orações; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis» (*Rm* 8, 26). O Espírito Santo, artífice das obras de Deus, é o Mestre da oração (será este o objecto da quarta parte do Catecismo).
- 830** A palavra «católico» significa «universal» no sentido de «segundo a totalidade» ou «segundo a integridade». A Igreja é católica num duplo sentido: É católica porque Cristo está presente nela: «onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica»⁹. Nela subsiste a plenitude do Corpo de Cristo unido à sua Cabeça¹⁰, o que implica que ela receba d’Ele a «plenitude dos meios de salvação»¹¹ que Ele quis: confissão de fé recta e completa, vida sacramental integral

⁷ Cf. *Jo* 15, 5.8.16.

⁸ SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA, *Commentarius in Iohannem* 11, 11: PG 74, 561.

⁹ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 8, 2: SC 10bis p. 138 (FUNK 1, 282).

¹⁰ Cf. *Ef* 1, 22-23.

¹¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Ad gentes*, 6: AAS 58 (1966) 953.

e ministério ordenado na sucessão apostólica. Neste sentido fundamental, a Igreja era católica no dia de Pentecostes¹² e sê-lo-á sempre até ao dia da Parusia.

1076 No dia do Pentecostes, pela efusão do Espírito Santo, a Igreja foi manifestada ao mundo¹³. O dom do Espírito inaugura um tempo novo na «dispensação do mistério»: o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta, torna presente e comunica a sua obra de salvação pela liturgia da sua Igreja, «até que Ele venha» (1 Cor 11, 26). Durante este tempo da Igreja, Cristo vive e age, agora na sua Igreja e com ela, de um modo novo, próprio deste tempo novo. Age pelos sacramentos e é a isso que a Tradição comum do Oriente e do Ocidente chama «economia sacramental». Esta consiste na comunicação (ou «dispensação») dos frutos do mistério pascal de Cristo na celebração da liturgia «sacramental» da Igreja. É por isso que importa, antes de mais, pôr em relevo esta «dispensação sacramental» (*Capítulo primeiro*). Assim, aparecerão mais claramente a natureza e os aspectos essenciais da celebração litúrgica (*Capítulo segundo*).

1287 Ora, esta plenitude do Espírito não devia permanecer unicamente no Messias: devia ser comunicada *a todo o povo messiânico*¹⁴. Repetidas vezes, Cristo prometeu esta efusão do Espírito¹⁵, promessa que cumpriu, primeiro no dia de Páscoa¹⁶ e depois, de modo mais esplêndido, no dia de Pentecostes¹⁷. Cheios do Espírito Santo, os Apóstolos começaram a proclamar «as maravilhas de Deus» (Act 2, 11) e Pedro declarou que esta efusão do Espírito era o sinal dos tempos messiânicos¹⁸. Aqueles que então acreditaram na pregação apostólica, e se fizeram baptizar, receberam, por seu turno, o dom do Espírito Santo¹⁹.

2623 No dia de Pentecostes, o Espírito da promessa foi derramado sobre os discípulos, «reunidos no mesmo lugar» (Act 2, 1), enquanto O esperavam, «todos [...] perseveravam unânimes na oração» (Act 1, 14). O Espírito que ensina a Igreja e lhe recorda tudo quanto Jesus disse²⁰ vai também formá-la na vida de oração.

CIC 597, 599, 674, 715: o testemunho apostólico do Pentecostes

597 Tendo em conta a complexidade histórica do processo de Jesus, manifestada nas narrativas evangélicas, e qualquer que tenha sido o pecado pessoal dos intervenientes no processo (Judas, o Sinédrio, Pilatos), que só Deus conhece, não se pode atribuir a responsabilidade do mesmo ao conjunto dos judeus de Jerusalém, apesar da gritaria duma multidão manipulada²¹ e das censuras globais contidas nos apelos à conversão, depois do Pentecostes²². O próprio Jesus,

¹² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 4: AAS 58 (1966) 950-951.

¹³ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 6: AAS 56 (1964) 100; Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 6.

¹⁴ Cf. *Ez* 36, 25-27; *Jl* 3, 1-2.

¹⁵ Cf. *Lc* 12, 12; *Jo* 3, 5-8; 7, 37-39; 16, 7-15; *Act* 1, 8.

¹⁶ Cf. *Jo* 20, 22.

¹⁷ Cf. *Act* 2, 1-4.

¹⁸ Cf. *Act* 2, 17-18.

¹⁹ Cf. *Act* 2, 38.

²⁰ Cf. *Jo* 14, 26.

²¹ Cf. *Mc* 15, 11.

²² Cf. *Act* 2, 23.36; 3, 13-14; 4, 10; 5, 30; 7, 52; 10, 39; 13, 27-28; *1 Ts* 2, 14-15.

perdoando na cruz²³, e Pedro a seu exemplo, apelaram para «a ignorância»²⁴ dos judeus de Jerusalém e mesmo dos seus chefes. Menos ainda é possível estender a responsabilidade ao conjunto dos judeus no espaço e no tempo, a partir do grito do povo: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos» (*Mt* 27, 25), que é uma fórmula de ratificação²⁵:

Por isso, a Igreja declarou no II Concílio do Vaticano: «Não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na sua paixão se perpetrou. [...] Nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura»²⁶.

- 599** A morte violenta de Jesus não foi fruto do acaso, nem coincidência infeliz de circunstâncias várias. Faz parte do mistério do desígnio de Deus, como Pedro explica aos judeus de Jerusalém, logo no seu primeiro discurso no dia de Pentecostes: «Depois de entregue, segundo o desígnio determinado e a previsão de Deus» (*Act* 2, 23). Esta linguagem bíblica não significa que os que «entregaram Jesus»²⁷ foram simples actores passivos dum drama previamente escrito por Deus.
- 674** A vinda do Messias glorioso está pendente, a todo o momento da história²⁸, do seu reconhecimento por «todo o Israel»²⁹, do qual «uma parte se endureceu»³⁰ na «incredulidade» (*Rm* 11, 20) em relação a Jesus. É Pedro quem diz aos judeus de Jerusalém, após o Pentecostes: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os pecados vos sejam perdoados. Assim, o Senhor fará que venham os tempos de alívio e vos mandará o Messias Jesus, que de antemão vos foi destinado. O céu tem de O conservar até à altura da restauração universal, que Deus anunciou pela boca dos seus santos profetas de outrora» (*Act* 3, 19-21). E Paulo faz-se eco destas palavras: «Se da sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, o que será a sua reintegração senão uma ressurreição de entre os mortos?» (*Rm* 11, 15). A entrada da totalidade dos judeus³¹ na salvação messiânica, a seguir à «conversão total dos pagãos»³², dará ao povo de Deus ocasião de «realizar a plenitude de Cristo» (*Ef* 4, 13), na qual «Deus será tudo em todos» (*1 Cor* 15, 2).
- 715** Os textos proféticos, respeitantes directamente ao envio do Espírito Santo, são oráculos em que Deus fala ao coração do seu povo na linguagem da promessa, com os acentos do «amor e da fidelidade»³³, cujo cumprimento São Pedro proclamará na manhã do Pentecostes³⁴. Segundo estas promessas, nos «últimos tempos» o Espírito do Senhor há-de renovar o coração dos homens, gravando neles uma lei nova; reunirá e reconciliará os povos dispersos e divididos; transformará a primeira criação e Deus habitará nela com os homens, na paz.

²³ Cf. *Lc* 23, 34.

²⁴ Cf. *Act* 3, 17.

²⁵ Cf. *Act* 5, 28; 18, 6.

²⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Nostra aetate*, 4: AAS 58 (1966) 743.

²⁷ Cf. *Act* 3, 13.

²⁸ Cf. *Rm* 11, 31.

²⁹ Cf. *Rm* 11, 26; *Mt* 23, 39.

³⁰ Cf. *Rm* 11, 25.

³¹ Cf. *Rm* 11, 12.

³² Cf. *Rm* 11, 25; *Lc* 21, 24.

³³ Cf. *Ez* 11, 19; 36, 25-28; 37, 1-14; *Jr* 31, 31-34; *Jl* 3, 1-5.

³⁴ Cf. *Act* 2, 17-21.

CIC 1152, 1226, 1302, 1556: o mistério do Pentecostes continua na Igreja

- 1152** *Sinais sacramentais.* Depois do Pentecostes, é através dos sinais sacramentais da sua Igreja que o Espírito Santo opera a santificação. Os sacramentos da Igreja não vêm abolir, mas purificar e assumir, toda a riqueza dos sinais e símbolos do cosmos e da vida social. Além disso, realizam os tipos e figuras da Antiga Aliança, significam e realizam a salvação operada por Cristo, e prefiguram e antecipam a glória do céu.
- 1226** Desde o dia de Pentecostes que a Igreja vem celebrando e administrando o santo Baptismo. Com efeito, São Pedro declara à multidão, abalada pela sua pregação: «convertei-vos e peça cada um de vós o Baptismo em nome de Jesus Cristo, para vos serem perdoados os pecados. Recebereis então o dom do Espírito Santo» (*Act 2, 38*). Os Apóstolos e os seus colaboradores oferecem o Baptismo a quem quer que acredite em Jesus: judeus, pessoas tementes a Deus, pagãos³⁵. O Baptismo aparece sempre ligado à fé: «Acredita no Senhor Jesus e serás salvo juntamente com a tua família», declara São Paulo ao seu carcereiro em Filipos. E a narrativa continua: «o carcereiro [...] logo recebeu o Baptismo, juntamente com todos os seus» (*Act 16, 31-33*).
- 1302** Ressalta desta celebração que o efeito do sacramento da Confirmação é uma efusão especial do Espírito Santo, tal como outrora foi concedida aos Apóstolos, no dia de Pentecostes.
- 1556** Para desempenhar a sua sublime missão, «os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com uma efusão especial do Espírito Santo, que sobre eles desceu; e pela imposição das mãos eles próprios transmitiram aos seus colaboradores este dom espiritual que foi transmitido até aos nossos dias através da consagração episcopal»³⁶.

CIC 767, 775, 796, 798, 813, 1097, 1108-1109: a Igreja, comunhão no Espírito

- 767** «Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para cumprir na terra, no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para que santificasse continuamente a Igreja»³⁷. Foi então que «a Igreja foi publicamente manifestada diante duma grande multidão» e «teve o seu início a difusão do Evangelho entre os gentios, por meio da pregação»³⁸. Porque é «convocação» de todos os homens à salvação, a Igreja é, por sua própria natureza, missionária, enviada por Cristo a todas as nações, para de todas fazer discípulos³⁹.
- 775** «A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»⁴⁰. Ser sacramento da

³⁵ Cf. *Act 2*, 41: 8, 12-13; 10, 48; 16, 15.

³⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 21: AAS 57 (1965) 24.

³⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 4: AAS 57 (1965) 6.

³⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 4: AAS 58 (1966) 950.

³⁹ Cf. *Mt 28*, 19-20; II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2: AAS 58 (1966) 948; *Ibid.*, 5-6: AAS 58 (1966) 951-955.

⁴⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

união íntima do homem com Deus, eis a primeira finalidade da Igreja. E porque a comunhão dos homens entre si radica na união com Deus, a Igreja é, também, o sacramento da *unidade do género humano*. Nela, esta unidade já começou, pois reúne homens «de toda a nação, raça, povo e língua» (Ap 7, 9). A Igreja é, ao mesmo tempo, «sinal e instrumento» da plena realização desta unidade, que ainda há-de vir.

- 796** A unidade de Cristo e da Igreja, Cabeça e membros do Corpo, implica também a distinção entre ambos, numa relação pessoal. Este aspecto é, muitas vezes, expresso pela imagem do esposo e da esposa. O tema de Cristo Esposo da Igreja foi preparado pelos profetas e anunciado por João Baptista⁴¹. O próprio Senhor Se designou como «o Esposo» (Mc 2, 19)⁴². E o Apóstolo apresenta a Igreja e cada fiel, membro do seu Corpo, como uma esposa «desposada» com Cristo Senhor, para formar com Ele um só Espírito⁴³. Ela é a Esposa imaculada do Cordeiro imaculado⁴⁴ que Cristo amou, pela qual Se entregou «para a santificar» (Ef 5, 26), que associou a Si por uma aliança eterna, e à qual não cessa de prestar cuidados como ao Seu próprio Corpo⁴⁵:

«Eis o Cristo total, Cabeça e Corpo, um só, formado de muitos [...]. Quer seja a Cabeça que fale, quer sejam os membros, é Cristo que fala: fala desempenhando o papel de Cabeça (*ex persona capitis*), ou, então, desempenhando o papel do Corpo (*ex persona corporis*). Conforme ao que está escrito: «Serão os dois uma só carne. É esse um grande mistério; digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (Ef 5, 31-32). E o próprio Senhor diz no Evangelho: «Já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19, 6). Como vedes, temos, de algum modo, duas pessoas diferentes; no entanto, tornam-se uma só na união esponsal [...] «Diz-se “Esposo” enquanto Cabeça e “esposa” enquanto Corpo»⁴⁶.

- 798** O Espírito Santo é «o princípio de toda a acção vital e verdadeiramente salvífica em cada uma das diversas partes do Corpo»⁴⁷. Ele realiza, de múltiplas maneiras, a edificação de todo o Corpo na caridade⁴⁸; pela Palavra de Deus, «que tem o poder de construir o edifício» (Act 20, 32); mediante o Baptismo, pelo qual forma o Corpo de Cristo⁴⁹; pelos sacramentos, que fazem crescer e curam os membros de Cristo; pela «graça dada aos Apóstolos que ocupa o primeiro lugar entre os seus dons»⁵⁰; pelas virtudes que fazem agir segundo o bem; enfim, pelas múltiplas graças especiais (chamadas «carismas») pelos quais Ele torna os fiéis «aptos e disponíveis para assumir os diferentes cargos e ofícios proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja»⁵¹.

- 813** *A Igreja é una, graças à sua fonte*: «O supremo modelo e princípio deste mistério é a unidade na Trindade das pessoas, dum só Deus, Pai e Filho no Espí-

⁴¹ Cf. Jo 3, 29.

⁴² Cf. Mt 22, 1-14; 25, 1-13.

⁴³ Cf. I Cor 6, 15-17; 2 Cor 11, 2.

⁴⁴ Cf. Ap 22, 17; Ef 1, 4; 5, 27.

⁴⁵ Cf. Ef 5, 29.

⁴⁶ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 74, 4: CCL 39, 1207 (PL 37, 948-949).

⁴⁷ Pio XII, enc. *Mystici Corporis*: DS 3808.

⁴⁸ Cf. Ef 4, 16.

⁴⁹ Cf. I Cor 12, 13.

⁵⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 10.

⁵¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 12: AAS 57 (1965) 16; cf. Id., Decr. *Apostolicam actuositatem*, 3: AAS 58 (1966) 839-840.

rito Santo»⁵². *A Igreja é uma graças ao seu fundador*: «O próprio Filho encarnado reconciliou todos os homens com Deus pela sua Cruz, restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só Corpo»⁵³. *A Igreja é uma graças à sua «alma»*: «O Espírito Santo que habita nos crentes e que enche e rege toda a Igreja, realiza esta admirável comunhão dos fiéis e une-os todos tão intimamente em Cristo que é o princípio da unidade da Igreja»⁵⁴. Pertence, pois, à própria essência da Igreja que ela seja una:

«Que admirável mistério! Há um só Pai do universo, um só Logos do universo e também um só Espírito Santo, idêntico em toda a parte; e há também uma só Mãe Virgem, à qual me apraz chamar Igreja»⁵⁵.

- 1097** Na *liturgia da Nova Aliança*, toda a acção litúrgica, especialmente a celebração da Eucaristia e dos sacramentos, é um encontro entre Cristo e a Igreja. A assembleia litúrgica recebe a sua unidade da «comunhão do Espírito Santo», que reúne os filhos de Deus no único corpo de Cristo. Ultrapassa todas as afinidades humanas, raciais, culturais e sociais.
- 1108** A finalidade da missão do Espírito Santo em toda a acção litúrgica é pôr-nos em comunhão com Cristo, para formarmos o seu corpo. O Espírito Santo é como que a seiva da Videira do Pai, que dá fruto nos sarmentos⁵⁶. Na liturgia, realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna⁵⁷.
- 1109** A epiclese é também oração pelo pleno efeito da comunhão da assembleia no mistério de Cristo. «A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo» (2 *Cor* 13, 13) devem estar sempre connosco e dar frutos, para além da celebração eucarística. Por isso, a Igreja pede ao Pai que envie o Espírito Santo, para que faça da vida dos fiéis uma oferenda viva para Deus pela transformação espiritual à imagem de Cristo, pela preocupação com a unidade da Igreja e pela participação na sua missão, mediante o testemunho e o serviço da caridade.

⁵² II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 2: AAS 57 (1965) 92.

⁵³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 78: AAS 58 (1966) 1101.

⁵⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 2: AAS 57 (1965) 91.

⁵⁵ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Paedagogus* 1, 6, 42: GCS 12, 115 (PG 8, 300).

⁵⁶ Cf. *Jo* 15, 1-17; *Gl* 5, 22.

⁵⁷ Cf. *1 Jo* 1, 3-7.